

## SOLIDARIEDADE

### “CRIANÇAS CARITAS”: QUANDO FOI PORTUGAL A AJUDAR A AÚSTRIA

A Áustria ofereceu-se para acolher doentes de covid-19 de Portugal, para ajudar o país a lidar com a pandemia. No passado, os papéis estiveram invertidos, quando Portugal acolheu milhares de crianças austríacas a recuperar dos traumas e problemas deixados pela Segunda Guerra Mundial.

**Patrícia Carvalho** (texto) e **Adriano Miranda** (fotografia)

14 de Fevereiro de 2021, 7:21



A pandemia virou o mundo do avesso e com a 3.ª vaga a atingir Portugal de forma particularmente dura, chegou também a solidariedade de vários países que se mostraram disponíveis para ajudar, caso fosse necessário. A Áustria foi uma dessas nações e, apesar de, até à data, não ter havido indicação de que será acolhida a oferta para transferir alguns doentes graves para aquele país, a disponibilidade mantém-se. Há mais de 70 anos, a situação era inversa. Com o país da Europa central profundamente afectado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial, Portugal abriu as portas a crianças austríacas, que para cá vieram passar temporadas junto de famílias portuguesas. Algumas acabaram por ficar. Este ano foi lançado um livro que conta as suas histórias.

#### CRIANÇAS AUSTRIÁCAS À CHEGADA A PORTUGAL/CARITAS

Estudar a operação da Caritas que trouxe para Portugal milhares de crianças europeias, afectadas pela pobreza, má nutrição e doenças que grassavam nos países envolvidos na guerra, não era algo que estivesse nos planos de Ana Pinho, hoje com 32 anos. Em 2015, a actriz, educadora e investigadora (ela lá vai arrançando tempo para tudo) tinha acabado de chegar de França, onde estivera a trabalhar temporariamente, quando foi

chamada por uma responsável da Universidade do Porto. A Embaixada da Áustria queria que a operação das “crianças Caritas” fosse devidamente estudada. Perguntaram a Ana, que fizera um mestrado sobre imigrantes detidos em situação irregular em Portugal, se não queria avançar para um doutoramento sobre aquele tema. “Estávamos no auge da crise dos refugiados e a minha missão é essa: trabalhar com refugiados. Por isso, quando me falaram de um projecto sobre o passado e não o momento presente, tive muitas dúvidas. Mas convenci-me que o passado nos pode ensinar alguma coisa e avancei”, diz ao PÚBLICO.

Contando com o apoio da Câmara do Porto, a tese de doutoramento *As “Crianças Caritas”, entre a Áustria e Portugal (1947-1958)* foi publicada pelas Edições Afrontamento, e o lançamento oficial aconteceu há menos de duas semanas. Tal como esperava, Ana Pinho aprendeu muita coisa. “Desde logo que não basta boa-vontade [para ajudar], é precisa mais do que isso. Mas a vontade é muito importante. Os impossíveis tornam-se possíveis e aquele projecto, desde o início, mostra isso mesmo. Começa com a vontade de uma só pessoa e vai crescendo, acabando por fazer milagres na vida destas crianças”, conta.

O trabalho de Ana Pinho passou pela análise de vários documentos (incluindo da Caritas portuguesa, o que ainda não tinha sido feito nas abordagens a este tema), e conta com relatos de crianças acolhidas em Portugal e das famílias que as receberam. Alguns depoimentos foram repescados de trabalhos anteriores — como o livro *Um Laço de Amizade entre Portugal e a Áustria*, que a Assírio & Alvim publicou em 2005 — outros foram recolhidos pela própria autora. Histórias que traçam o retrato de uma operação que teve alguns problemas, mas que, no geral, resultou numa boa experiência para os envolvidos. E que beneficiou da proximidade entre a sua promotora, Fernanda Jardim, e o presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar. “Todo o processo é surpreendente, na medida em que, naquela altura, não havia meios e, de repente, temos milhares de crianças a circular entre países e a ser acolhidas por pessoas com as quais não tinham qualquer ligação”, lembra a investigadora.



Ana Pinho: "não basta boa-vontade [para ajudar], é precisa mais do que isso. Mas a vontade é muito importante"

A primeira coisa que diz tê-la surpreendido foi o facto de a Caritas portuguesa “ter nascido para responder a esta acção”. Depois de um apelo do Papa Pio XII para que se apoiassem as crianças afectadas pela guerra, Fernanda Jardim, que era filha do presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, quis que fosse esta organização a assumir essa

causa, mas a corrente “maçónica” deste organismo recusou. Foi desta recusa que nasceu a criação da Caritas.

Numa Europa ainda grandemente imersa nos escombros da guerra — reais e metafóricos —, foi possível estabelecer redes suficientes para que crianças muito pequenas deixassem as suas famílias e viajassem para outros países. É comum dizer-se que vieram para Portugal mais de 5000 crianças austríacas, mas a investigação de Ana Pinho permitiu perceber que não foi bem assim.

Munidas de um passaporte colectivo, algumas crianças que vinham através da Áustria, mas que tinham outra nacionalidade, acabaram por ser contabilizadas como austríacas, e aquelas que regressavam a Portugal para uma segunda ou terceira estadia, a convite das famílias que os haviam acolhido da primeira vez, eram contabilizadas como uma nova chegada. Junta-se o facto de terem beneficiado desta acção também crianças francesas, alemãs e húngaras, e os números finais de Ana Pinho são um pouco diferentes. Do total das 5391 crianças da operação Caritas encontradas, a investigadora diz que 4641 estão identificadas como austríacas, mas 639 destas são crianças que viajaram mais do que uma vez, pelo que o total de envolvidos se deve cifrar nos 4002. Ainda assim, Portugal foi o terceiro país a receber o maior número de crianças austríacas, só sendo ultrapassado pela Bélgica e os Países Baixos, bem mais próximos da Áustria.



**P** Chegada a Portugal de crianças vindas da Áustria. Segundo a investigação de Ana Pinho, terão viajado cerca de 4000 CARITAS

### ***"Mutti, mutti..."***

Quando entrou num comboio a caminho de Portugal, Heidemarie Stubner, 75 anos, era demasiado pequena para perceber exactamente o que lhe estava a acontecer. Oriunda de uma aldeia próxima de Viena, ainda não tinha cinco anos quando, em 1950, deixou a Áustria para se juntar a uma irmã, quatro anos mais velha, que no ano anterior tinha sido acolhida por uma família de Évora. “Há relatos de crianças que se lembram da

viagem para Portugal, mas eu não tenho memória disso. Sei, porque me relataram, que a única coisa que fazia era chorar e chamar pela minha mãe. *Mutti, mutti...* E chorava”, conta, ao telefone, a partir da casa na Amareleja, onde vive. “Só tenho ideia de me encontrar com a minha irmã e, depois, tudo foi fácil. Nem a questão da língua era uma dificuldade, porque a minha irmã entendia-me. E a filha dos senhores Matroco, que era voluntária da Caritas e me acompanhou na viagem de comboio, também falava alemão, o que facilitou a ligação”, conta.

Heidemarie também não tem memória de qualquer choque com a comida ou a paisagem do Alentejo, mas há uma coisa que nunca esqueceu. “Eu tinha um problema nos pés e na Áustria usava botas ortopédicas. Aqui, além das roupinhas, sempre iguais às da minha irmã, deram-me uns sapatos novos, coisa que não tinha ideia de ter usado. Lembro-me como se fosse hoje dos sapatos castanhos, com um lacinho de seda. As pessoas olhavam para nós como bonecas, loirinhas, de tranças. Eu, como não falava a língua, estendia o pé para mostrar o sapatinho”, conta.



Heidemarie Stubner



Heidemarie e Helga Stubner, à frente, em Janeiro de 1953, em Évora, com os pais austríacos e os "pais" que os acolheram em Portugal DR

O facto de já ter uma família à sua espera poupou a pequena Heidemarie do processo de selecção de crianças que, pelos depoimentos recolhidos por Ana Pinho, foi um dos mais traumatizantes para alguns dos participantes na acção, havendo mesmo quem o chamasse de “leilão”. Se, na primeira viagem, em 1947, as cerca de 50 crianças envolvidas foram distribuídas “muito provavelmente [por] famílias próximas dos membros da organização, possivelmente da diocese de Lisboa”, refere a autora no livro, as seguintes já foram distribuídas por famílias que se inscreviam para o efeito. Algumas apontavam características que gostavam de ver satisfeitas — como a idade e o sexo, com as meninas a serem as favoritas —, outras nem tanto.

Com as crianças reunidas num espaço, eram, então, “escolhidas” pelas famílias, e as que não o eram, acabavam por ser acolhidas por instituições religiosas, onde algumas acabariam por permanecer por falta de alternativas.

O padre Alexandrino Brochado, que dirigiu a Caritas no Porto, e que morreu pouco antes de Ana Pinho o conseguir entrevistar, sendo-lhe cedida, contudo, uma entrevista prévia sobre o tema, admitiria o erro deste método, que permaneceu como um sinal traumático na mente de alguns dos participantes. “Eu fiz uma coisa que hoje não faria. É que as crianças estavam ali todas e as pessoas vinham e ‘ah, aquela que é muito bonita, é muito engraçadinha’ [...]. Hoje não fazia... Naquela altura também, falta de experiência [...]”, refere, numa das citações incluídas no livro.



As crianças traziam um cartão com a sua identificação e com o nome da família que as acolheria CARITAS

## A chegada de Peter

Mas nem todos os casos eram assim. E não apenas porque já havia algum irmão acolhido em Portugal, como aconteceu com Heidemarie. Peter Pross, então com oito anos, foi acolhido pela família Bento, em Cantanhede, e Luís, hoje com 80 anos e que na altura tinha sete, recorda-se perfeitamente que o nome da criança já era conhecido antes da sua chegada, em Outubro de 1948. “Nós éramos seis irmãos e eu era o mais novo. O meu pai anunciou que vinha uma criança austríaca para nossa casa, que se chamava Peter. Naquela altura não havia muitos heróis, era o Tarzan ou o Zorro. E esses já estavam ocupados pelos meus irmãos, pelo que o meu herói passou a ser Peter. O meu irmão ia para o chuveiro e dizia que era o Tarzan, eu dizia que era o Peter”, conta ao telefone, a partir da sua casa em Matosinhos.

Peter chegou de comboio, como a maior parte das crianças Caritas — embora os dois primeiros grupos tenham viajado de avião e tenham existido também transportes de barco —, e Luís foi um dos membros da família Bento que estavam na estação para o receber. “Lembro-me bem de ver o comboio vir cheio de fumo, com o frio de Outubro e aquela luz da fumarada, tal como nos filmes de guerra. Tinha as janelas iluminadas e os miúdos vieram todos cá para fora. Mas o Peter estava sossegadinho no seu lugar. Era muito educado e um miúdo muito bom. Vinha com aquele medo da guerra, como os outros que foram para Cantanhede — e ainda eram alguns —, e quando ouviam um barulho mais forte, fugiam. Havia um senhor que tinha um carro que fazia barulho pelo escape e quando passava no jardim onde os miúdos se juntavam, eles fugiam e atiravam-se para o chão”, recorda.



A família Bento, de Cantanhede, acolheu Peter Pross, de oito anos (ao centro, de óculos)

Luís Bento foi uma das pessoas entrevistadas por Ana Pinho. Heidemarie Stubner não. Aliás, apesar de garantir que as memórias da sua infância em Portugal são felizes, a mulher recusou-se a abrir, durante grande parte da sua vida, a mala que trouxe da Áustria para Portugal, e que a acompanha até hoje. “Essa mala andou comigo a vida toda, levei-a para todas as casas onde vivi sem nunca lhe mexer. Porque sabia que tinha coisas que me haviam de comover ou magoar, sei lá. Tinha receio e há uns quatro anos, o Arquivo Distrital de Évora organizou uma conferência por altura do Dia do Emigrante e convidaram-me a participar. A minha filha, então, disse, ‘ó, mãe, vamos ver a mala.’ Acredite que ao fim de 70 anos a viver em Portugal foi a primeira vez que lhe mexemos”, diz.

Lá dentro estavam várias coisas relacionadas com a sua experiência de “criança Caritas”. Incluindo documentos da associação católica, com indicações para as famílias de acolhimento sobre a melhor forma de integrar as crianças no Natal. Por cá, diziam, não era “costume entre nós” haver uma árvore de Natal, mas este era um elemento “indispensável ao bom êxito (mesmo espiritual) desta festa familiar” para as crianças que estavam habituadas a tê-la como elemento central nas celebrações natalícias, pelo que era importante que ela estivesse presente também na casa dos portugueses.



A mala que Heidemarie Stubner manteve fechada durante 70 anos DR

Outro documento ali guardado era o regulamento para o acolhimento das crianças, segundo o qual as famílias se comprometiam, por exemplo, a “levar a criança a ouvir missa inteira todos os Domingos e dias santos de guarda”. Ou a “fazer com que escrevam semanalmente às famílias e a enviar as cartas à sede da Caritas Portuguesa e nunca directamente às próprias famílias”.

No caso de Heidemarie e da irmã Helga este último ponto não se colocava porque, sendo um dos membros da família voluntária da Caritas, e falando alemão (a organização oferecia a tradução gratuita das mensagens trocadas), o contacto que sempre foi mantido com a família na Áustria era directo. As duas irmãs fazem parte do grupo de cerca de 30 “crianças Caritas” que acabaram por ficar em Portugal, estabelecendo-se por cá — embora Helga tenha, já adulta e com filhos, acabado por se mudar para a Alemanha.

### **O cartão de boas-festas**

O que estava previsto é que as crianças não permanecessem em Portugal por mais de oito meses, mas as dificuldades logísticas e, por vezes, a vontade das famílias, levava a que as estadias, em vários casos, se prolongassem. Chegados de um país destruído, com escassez alimentar e assolado por doenças que se disseminavam com facilidade — uma irmã mais nova de Heidemarie morreria de difteria, pouco depois de esta vir para Portugal —, a maior parte das crianças encarava a experiência como uma Aventura. Por outro lado, deliciavam-se com as paisagens novas, a ausência dos sinais de guerra e a comida exótica, como as laranjas e bananas que nunca tinham comido. A língua, factor que complicava o contacto inicial, no caso em que a família de acolhimento não falava alemão, era facilmente apreendida pelas crianças e, no caso das mais pequenas, no momento do regresso a casa, o problema era outro: muitas tinham esquecido o alemão e já só falavam português.

Quando Peter Pross (falecido em 2014) chegou a casa do industrial Manuel Rodrigues Bento Júnior, em 1948, deixou a água do banho negra, pelo pó do carvão do comboio que se lhe agarrara à pele. E a primeira refeição em família, na longa mesa que agora albergava nove pessoas, foi a primeira experiência real de comunicação do miúdo com os portugueses. “Ele estava no meio da mesa e eu à sua frente. Todos a olhar, para vermos como ele comia. Foi servida a sopa e ele pega na colher, levanta-a ao nível dos olhos, faz um movimento horizontal e mete-a no prato com força, espalhando a sopa

pela toalha. Olhei para o meu pai, à espera que ralhasse, e nada. Pega na faca, e ‘tau’, o mesmo. No garfo, e deixa-o cair também. Eu a pensar no que aquilo ia dar. O meu pai não disse nada. Mandou limpar a mesa, trocar os talheres, deixou uma piada, o Peter riu-se e estava feita a integração”, recorda Luís Bento.



Luís Bento: "Lembro-me bem de ver o comboio vir cheio de fumo, com o frio de Outubro e aquela luz da fumarada, tal como nos filmes de guerra. Tinha as janelas iluminadas e os miúdos vieram todos cá para fora. Mas o Peter estava sossegadinho no seu lugar. Era muito educado e um miúdo muito bom. Vinha com aquele medo da guerra"



Fotografias da família Bento com Peter Pross

Em poucos meses a criança dominava a língua e, apesar de não frequentar a escola com os irmãos Bento, Luís descobriria numa visita que lhe fez na Áustria, que tinha um livro escolar igual ao seu, pelo que acredita que ele teria aulas com as outras crianças austríacas instaladas em Cantanhede em alguma instituição da igreja.

Na casa dos Bento, a guerra tinha chegado através das notícias trazidas por Fernando Pessa através da BBC, que Luís se recorda de o pai ouvir religiosamente às 21h — “não podíamos fazer barulho nenhum, porque o meu pai tinha de ouvir as notícias”. O conflito também se imiscuía nas brincadeiras das crianças, em que um era a Alemanha e o outro a Itália ou Portugal e se atacavam uns aos outros. Mas a realidade da guerra só chegaria verdadeiramente com as reacções das crianças austríacas a pessoas fardadas ou ao barulho mais alto de um cano de escape. “Para nós, conviver com o Peter foi abrir

uma janela ao mundo. Cantanhede era uma vila pequena, no meio de Portugal, sem televisão, sem jornais, tudo muito fechado”, diz Luís.

Para a grande maioria dos meninos que vieram para Portugal, o país também era uma espécie de janela, para uma realidade mais pacífica e abundante, que desconheciam. “Com tudo se aprende e acho que, no geral, a experiência foi boa para a maioria das pessoas. Criaram-se laços, as crianças recuperaram fisicamente, ficaram com novas famílias em Portugal. Deve-se tirar ensinamentos desta acção, como de qualquer outra, nomeadamente no caso de famílias que se dispõem a acolher uma criança que não é sua e que tem pais noutro país e que, à partida, devem regressar”, diz Ana Pinho.



Fot"O passado pode ensinar-nos alguma coisa"

Porque, já se disse, nem tudo correu bem. Algumas crianças foram retiradas às famílias que primeiro as acolheram e entregues a outra, por falta de adaptação ou condições para as manterem. Outras não se conformavam com uma vida tão diferente que passava, por exemplo, por terem de ajudar nas tarefas do campo. Houve casos (poucos) de crianças que morreram e outros (poucos) em que as famílias austríacas tiveram de forçar o regresso dos filhos que os portugueses se recusavam a deixar regressar a casa.

Não foi assim com Heidemarie. Cerca de um ano depois de chegar a Portugal pela primeira vez, a menina regressaria à Áustria, continuando Helga em Portugal. Mas as duas famílias acabariam por acordar que o melhor para a menina seria ela regressar a Évora e poucos meses depois, estava de volta.

Apesar de sempre ter mantido contacto, e de ter havido muitas visitas entre os dois países — os pais das duas irmãs estiveram em Portugal em 1953, pouco antes de Leopoldo Stubner morrer — a vida das duas meninas desenrolar-se-ia no Alentejo. “Nós não íamos para a escola. A minha irmã tinha uma professora que ia dar-lhe aulas a casa e a apresentou a exame, para prosseguir os estudos. Quando chegou a minha vez de entrar na escola, o senhor Matroco fez outras diligências. Escreveu uma carta ao senhor presidente do Conselho de Ministros, Oliveira Salazar, para que autorizasse a minha ida para a escola, e ele autorizou. Isso fez com que eu, com regularidade, lhe mandasse um cartão com Boas Festas. Obrigavam-me a mandar-lhe e tenho um cartão dele a agradecer”, recorda.

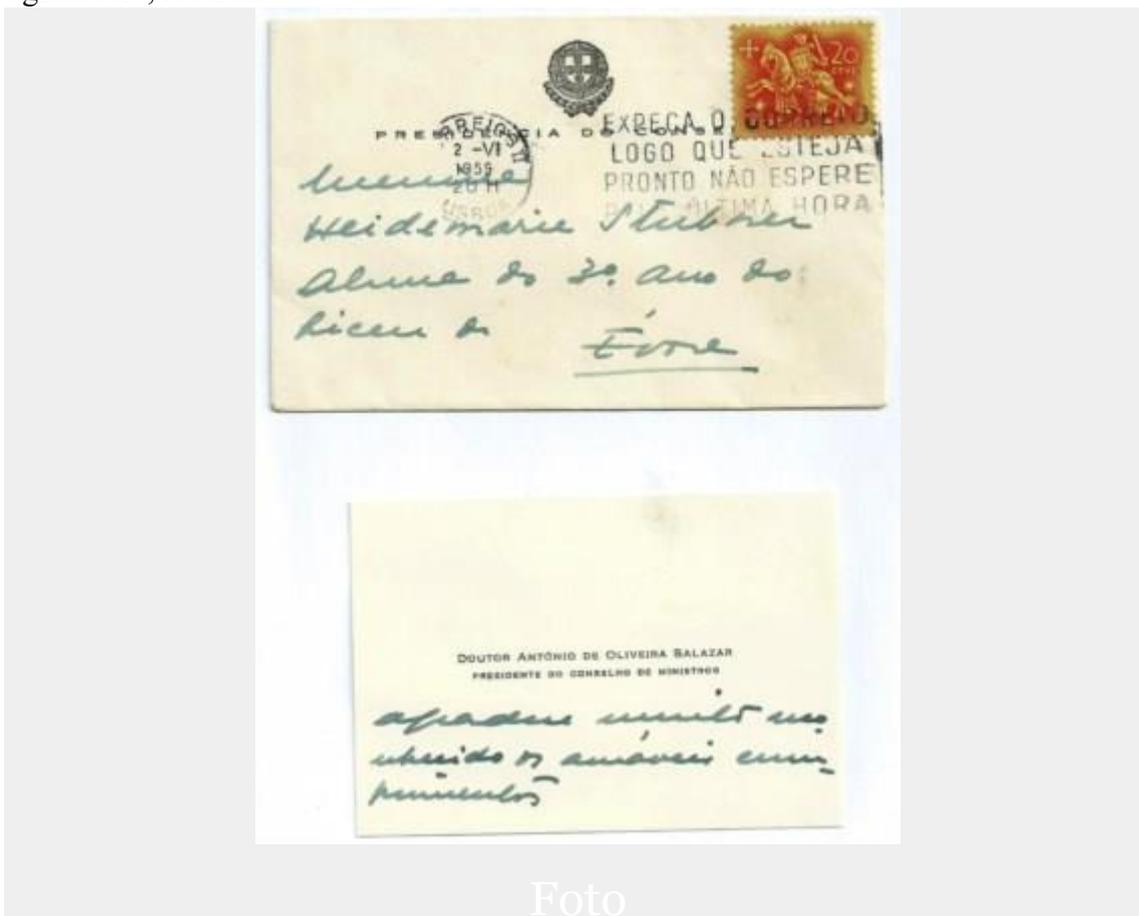


Foto  
Resposta de Salazar ao cartão de boas-festas enviado por Heidemarie

## Desportos de Inverno

Heidemarie casou-se, teve filhos e netos em Portugal. Viu o marido partir para a Guerra Colonial, em Angola, e regressar. A covid-19 impediu que, no ano passado, fizesse a grande celebração que tinha planeado para comemorar os 50 anos de casados. A festa foi pela internet, “com todos vestidos a rigor”, ri, mas não está posta de lado a possibilidade de um encontro real entre todos, assim que seja possível.

Quando lhe perguntam sobre se pensa em como seria a sua vida se não tivesse sido uma “criança Carita”, diz que tem “pensado muito nisso”, mas não parece que seja algo que a aflija. “Sei lá, penso especialmente quando vejo os desportos de Inverno, de que gosto muito. Nunca andei de ski, nunca tive oportunidade, e às vezes penso que se tivesse ficado na Áustria, fazia desportos de Inverno, que é algo que eu gostava”, diz.

Para ela não houve despedidas traumáticas, como as muitas que são relatadas por crianças que participaram na acção de acolhimento: berros de crianças que não queriam partir, que se escondiam para não terem de o fazer. Houve até o caso de um homem que acabaria por morrer de ataque cardíaco, no cais onde via partir o barco que levava a menina austríaca a que se habituara a chamar filha durante tanto tempo.

No caso de Luís Bento, a partida de Peter também não lhe ficou gravada na memória. “Tenho feito essa pergunta a mim mesmo, como foi a despedida. É incrível, mas não me lembro. Devo ter acordado um dia sem o Peter. As famílias, antigamente, não queriam chocar os meninos. Quando morria alguém, não se dizia, a pessoa desaparecia, e pronto. Com o Peter deve ter acontecido isso. Eu era muito chegado a ele, era o meu ‘irmão gêmeo’. Acordei sem o Peter, não me recordo de alguém me dizer ‘vai-te despedir do Peter’. Não me lembro.”



A ligação emocional de Peter - que regressaria à Áustria - com os "irmãos portugueses" permaneceu até ao fim da sua vida. Um desses "irmãos", Luís Bento (em cima), conta que a chegada do menino austríaco significou a abertura de "uma janela para o mundo"

Também no caso dos Bentos, o contacto com a criança que lhes entrara em casa manteve-se por toda a vida, com visitas mútuas. E quando o austríaco morreu, deixou indicações para que os filhos não se esquecessem de avisar “os irmãos portugueses”.

Lembrando que no caso das “crianças Caritas” não estávamos perante “refugiados”, Ana Pinho puxa o passado para o presente, e diz que integrar “menores não acompanhados” em famílias, no caso de refugiados, é uma boa opção. “É melhor estar num campo de refugiados em Moria [Grécia], que não tem condições, ou numa família que pode ajudá-los? Enquanto seres humanos temos obrigação de utilizar os meios que temos para fazer o melhor que pudermos. Os refugiados estão numa vulnerabilidade suprema, sobretudo as crianças, mas qualquer pessoa, e têm de ser acolhidos com humanidade.” O trabalho sobre as “crianças Caritas” ajudou-a reforçar esta ideia. Foi mais uma coisa que aprendeu com o passado.